ANO 9.º — Sexta-feira, 26 de Maio de 1916 — NUMERO 423

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Suprema dôr

Episodios da guerra

A heroica defeza dos belgas havia sido esmagada finalmente pela brutal superioridade numérica do exercito alemão, e a França mobilisava ainda o seu exercito para uma guerra que só a Alemanha esperava.

A 10 de agosto as primeiras tropas francezas chegam a Dinant, donde expulsam os alemães,mas são compelidas a abandona-la pouco depois pela ofensiva fulminante destes, que em breve contavam ocupar Paris e a retirar sobre a fronteira, que pouco antes haviam transposto.

O movimento de retirada das divisões francezas começou então e da fórma como essa retirada fôsse feita dependia a salvação da França.

Joffre precisava livres os seus movimentos e necessitava portanto assegurar o seu flanco direito apoiado nos campos fortificados da fronteira da Alsacia, onde os alemães não deixariam certamente de tentar vibrar um golpe mortal no exercito francez, deligenciando ataca-lo pela rectaguarda.

Era sem duvida esta a parte de maior responsabilidade do plano de Joffre.

Castelnau é investido no comando do exercito de Nancy, cuja ala esquerda se apoiava pelo sul em Verdun, e onde egualmente se apoiava pelo norte a ala direita das forças de Joffre.

Castelnau devia manter-se em Nancy a todo o transe, barrando a passagem ao exercito alemão, enquanto o de Joffre, girando sobre Verdun como sobre um eixo, se deslocava em leque desde a fronteira da Belgica até quasi aos muros de Paris.

Sobre as tropas de Castelnau, o aristocratico general a quem a França republicana não duvidou entregar a posição de maior perigo no momento critico da invasão, desencadearam os exercitos do Kaiser tempestades de metralha, avalanches de homens em assaltos que foram horrores de carnificina e de sanha.

O bravo general bem comprehendia que da sua posição dependia a segurança do exercito do norte, e portanto a segurança da sua Patria.

Um passo á rectaguarda era a rectaguarda ameaçada do exercito de Joffre, era essa famosa retirada que foi quasi uma victoria, transformada numa derrota sem remedio, quiçá na imediata aniquilação dos exercitos da Republica ainda mal completos.

Vitrimont, Saint Dié, Cirey, Sainte Genevève, Bacarat, Champenaux, Amance e outras, foram outros tantos cemiterios do exercito alemão que nas suas retiradas de derrotados assaltos, deixou juncados de cadaveres.

Amance, foi a 8 de setembro de 1914 o tumulo dos couraceiros brancos do imperador, que os atirou pessoalmente contra as baterias francêsas que os aniquilaram sob os seus olhos, como em 16 de agosto de 1870 o foi Rezonville, onde a cavalaria francêsa os esmagou totalmente.

Em Loysy e Santa Genoveva, quatro regimentos alemães, desfizeram-se quasi inteiramente contra um só batalhão francês do regimento 314, formidavelmente intrincheirado no cemiterio da aldeia e no alto de Atton.

A luta foi sem precedentes, mas Castelnau manteve-se e Joffre poude operar sem preocupações a retirada estrategica que o levou á formidavel victoria do Marne.

Foi nesta luta épica, incessante, interminavel, que o exercito francês, desde o soldado ao general, soube mostrar a sua superioridade moral sobre o automatico exercito alemão.

O espirito do chefe absorvido na apreensão constante das fases da luta que em cada logar tinham a cada momento um aspecto novo, olhando apenas os mapas onde se desenrolava essa tragica scena da comedia humana, cercado dia e noite do seu estado maior, recebia a cada instante as comunicações da frente de batalha e a cada instante transmitia as ordens que com tanta precisão mantinham nas linhas francêsas o fogo sagrado da defêsa, sempre elevado ao entusiasmo quando se baseia na confiança absoluta de chefes de incontestavel valor.

No quartel general de Castelnau o movimento era grande; as ordenanças cruzam-se, os telefones retinem a cada momento, oficiais de ordens partem e chegam com pequenos intervalos.

Inclinado sobre uma grande meza, o general segue a marcha dos dois exercitos de cujos menores movimentos é imediatamente prevenido.

São comunicações que chegam, ordens que partem imediatas, telegramas, ordenanças, oficiais, e entre outros um que se dirige logo ao comandante:

— Meu general!

Castelnau, absorvido, continua, esperando assim sem responder, que o oficial prosiga.

Com a voz comovida, pausadamente, o oficial recem-chegado acrescenta:

— O alferes Javier de Castelnau acaba de morrer á frente da sua companhia, que perseguia o inimigo em retirada.

Apruma-se o general bruscamente, correm para ele, vêem-no levar a mão aos olhos fechados enquanto com a outra se empara á meza, estremecer, quasi cambalear.

O oficial morto era seu filho!

As ordenanças continuam chegando, os oficiais de ordens cruzam-se: pedem-se instrucções.

Um segundo mais; novas comunicações chegam: é a Patria em perigo que chama o chefe ao cumprimento do seu dever.

Castelnau, levanta a mão dos olhos que premia como para não deixar penetrar na retina a imagem do filho morto e exclama simplesmente:

— Senhores, continuemos!

E ditou as primeiras ordens aos oficiais que o aguardavam.

Quinze dias depois o general Castelnau recebia no proprio quartel general o cadaver do segundo filho, imolado tambem no altar da Patria pelos inimigos da Justiça, do Direito e da Razão.

Humberto Beça
Da Junta Patriotica do Norte

As reinspecções

O *Diario do Govêrno* publicou ante-ontem o decreto em que se falava ha tempo e em virtude do qual vão principiar as reinspecções medicas a todos os individuos com mais de 21 e menos de 45 anos que fôram isentos do serviço militar por doença ou que por qualquer outra circunstancia não entraram na fileira.

O distrito de Aveiro deve dar um grande contingente de bons soldados.

Films . . .

Voltando atraz

Lêmos que foram reintegrados nas suas antigas situações todos os empregados do ministerio da instrução que tinham sido *separados* do serviço por não merecerem confiança á Republica, isto depois da revolta de 14 de maio.

Querem vêr que *semelhante talassaria* já está filiada no partido democratico?...

Admirem-se!...

Acontecimentos

Ha dias, algumas praças do batalhão do regimento de infanteria 23 (Coimbra), não sabemos se erradamente convencidas se quê, de que os seus camaradas estudantes tinham sido dispensados de partir para a Africa, exaltaram-se e soltaram alguns gritos de protesto. Tudo serenou rapidamente, disseram os jornais, bastando para tanto a intervenção inergica, mas prudente, dos oficiais e sargentos e o batalhão que tinha recebido ordem de marcha de Mafra, onde se encontrava, para Lisboa, para lá partiu no dia e hora fixados, tendo-se portado nessa viagem com a maior correcção e disciplina. Agora, muito superficialmente, sabe-se por uma nota oficiosa fornecida á imprensa, que na Covilhã tambem se deu esta semana qualquer coisa de anormal, garantindo o governo que foram frustados os planos dos inimigos da Patria e portanto da nossa preparação militar, visto que esta segue o seu curso regular, estando o socêgo restabelecido e a ordem assegurada.

Estes casos, ocorridos com pequeno intervalo um do outro, indicam pelo menos duas coisas: primeiro que não póde haver selecção entre os individuos que, por lei, são obrigados a compôr as diferentes unidades militares; segundo, que existem elementos prejudiciais á disciplina do exercito com os quais não póde haver contemplações, sendo para isso necessario que o sr. ministro da guerra faça vêr á nação que tem autoridade bastante para continuar ocupando o seu logar.

Sôma e segue

Muitos aveirenses foram na terça-feira despedir-se á estação do caminho de ferro do regimento de infanteria 24, que partia para Tancos, cumprindo assim um dever não só de cortezia como de leal e estreita camaradagem. Houve aclamações, trocaram-se efusivos abraços e quando o sr. dr. Melo Freitas ergueu um viva á Patria acudiu-nos logo á lembrança o sr. governador civil que tambem teria feito o mesmo se os seus serviços clinicos o não impedissem de comparecer áquele acto soléne...

Nem de encomenda.

FÁRDA

Vende-se uma de tenente medico milicianq em muito bom estado, assim como a respectiva espada e bonet.

Céde-se por metade do seu custo e voltada serve ainda para uso de qualquer homem politico—*politico republicano* e *republicano democratico*.

Ainda ha pouco foi lavada e burnida por o especialista *Adelaide*, afamado em tirar nodoas da fazenda ainda que as não tire ás pessoas...

A PESCA NA RIA

Já em 1868 eram proibidas as rêdes de malha estreita, as de arrastar, varredouras, botirões, etc., etc.

Pretensos antagonistas nossos, ao que nos dizem, pois não temos tempo de sobra para nos deleitarmos com a leitura do que, a propósito do mesmo tema, entoam em desafinado cantochão, com um desprendimento muito comezinho de quem se julga no mais optimista dos mundos possíveis,—pretensos contraditores nossos, como iamos dizendo, continuam, segundo nos informam, a dar-se a pêrros por causa do que aqui temos escrito e continuaremos escrevendo. Querem, à viva fôrça, com mal ageitados acrobatismos sôbre casos bicudos de gramática e de lógica em que deixam ambas estas distintíssimas e venerabilíssimas seculares donzelas muito magoadas, —capacitar todo o mundo, e seu pai, de que o obscuro mortal que estes artigos rabisca, é, sem tirar nem pôr, o sr. Jaime Afreixo, é o sr. capitão do pôrto. E porquê? Pasmai, ó gentes! Porque, quem escrever sôbre regulamentos da ria e fizer a sua história, quem dissertar sôbre a pesca na ria e não disser banalidades ou se estadear em chocarrices, não póde deixar de ser Jaime, de ser Afreixo e de ser... capitão do pôrto. Como trilham caminho errado! E tão só por que se julgam intelectuais! Intelectuais e conductores, inspiradores, guias... da massa popular. Não reste dúvida. Mas melhor seria chamar-lhes agitadores. E' a designação mais própria, se bem que esta seja equivalente à de pescadores de águas turvas, os quais nem todos pescam com o *botirão*, pois teem outras artes. Mas a verdade é que não somos Jaime, nem Afreixo, nem capitão... nem capitão do pôrto. Somos quem somos. Somos alguêm, e desta qualidade não abdicâmos, somos alguêm com amor a este rincão de terra portuguêsa, alguêm que vive na intimidade dos seus livros e ao mesmo tempo em comunhão com a natureza, procurando tirar dos instantes de convivência de que podemos fruir, o maior e mais proveitoso ensinamento para os que nos lêem sem partido formado. Não temos outra mira que não seja a de encontrarem em nossas palavras a verdade, a ressaltar em toda a plenitude da sua pureza, desenvencilhada de subtilezas peripatéticas.

Não possuimos, é certo, a filosofia de Fontenelle que explicava a circunstância de não ter grangeado um único inimigo, graças ao que o ilustre pensador chamava dois axiomas que assim formulava: *tudo é possível e toda a gente tem razão*. Esta filosofia é a dos que querem viver de casa e pucarinho com Deus, não perdendo ao mesmo tempo os favores do Diabo. Mas também Fontenelle disse: *Dai-me quatro pessoas persuadidas de que é noite em pleno meio dia, e eu irei demonstrá-lo a dois milhões de homens*. Ora, com mais, com muito mais de quatro pessoas convencidas da necessidade e proficuidade da proibição do uso de certas rêdes com certas malhas nas águas da nossa ria contâmos nós, e, por isso, não desistimos—o que seria vilania—de procurar, com verdade e clareza, ferir luz no cérebro, quiçá entenebrecido, duma população mínima, comparada com os dois milhões de homens a quem Fontenelle, que é autenticamente mais *secular* do que o *secular botirão*, se propunha convencer de que em pleno meio-dia era plenissima noite.

Dissemos que Fontenelle era autenticamente secular. Não fique dúvida aos que erguem os seus escudos em defêsa da *secularidade* do *botirão*. Fontenelle nasceu em Rouen a 11 de fevereiro de 1657, e deixou de existir a 9 de janeiro de 1757. Peguem num lápis, façam a conta, e verão se o autor da *Pluralidade dos Mundos* é ou não secular.

A fôrça convincente dos *neológicos* indígenas é tamanha que quási estamos em asseverar que Fontenelle não foi um homem, mas um *botirão*, *trancado* nas suas duas varas e sem míngua de *paixões* nem de *guias*. Pois se ele é secular!...

Mas deixemos Fontenelle, metamorfoseado, por tanto ter vivido, em *botirão*, visto ser secularíssimo, tal qual se afadigam em pretender que o seja o sempre actualíssimo, mas não actualizado *botirão*, cuja «malha de 0m,003 em sêca fórma na água um pano cerrado» dentro do qual se debatem emmalhados quantos hoje por ele quebram lanças e que ontem já pediram a sua proibição. Pediram, não é bem, reclamaram, exigiram, chamando a capitania ao cumprimento da lei. Isto é da história da pesca na ria, e uma transcrição já feita nas colunas dêste jornal o trouxe a lume.

Como esta vida é repleta de imprevistos que já nos não surprendem, de contradições, de incoerências!... E não há de ser para nós um prazer espiritual constatar esta grande verdade?!...

Prossigamos nas transcrições do Regulamento iniciadas no último número:

Art. 11.º—E' proíbido pescar nos rios de água doce durante os mêses de março, abril e maio.

Como este artigo não trata senão da pesca na água onde *não há ou onde não chega a maré*, pois assim explica o que seja *água doce*, não o transcrevemos na integra, visto estarmo-nos ocupando tão sòmente da pesca na ria. Mas a transcrição feita basta para mais uma vez assegurarmos, sem receio de contradita, o que era a liberdade de pesca em tempos que já lá vão, quando a abundância de peixe das águas salgadas e doce era considerabilíssima, e, não obstante, já era urgente adoptar medidas proibitivas e de repressão, com a concomitante e... desumana apreensão de rêdes que não satisfizessem ás prescrições regulamentares, e fôssem encontradas em laboração. E' que já se previa o empobrecimento a que a ria de Aveiro, este manancial de incalculável riqueza, chegaria, quando abandonado, **sem fiscalização enérgica e constante,** a uma devastação inconsciente e impune, praticada dia a dia por proprietários de **aparelhos de uso proibido cuja inutilização** o sr. Francisco Regala não trepidou em reconhecer como indispensável e como sendo o castigo mais eficaz.

Os artigos 13.º e 14.º proibiam também lançar na ria, ou rios, qualquer substância venenosa que damnificasse ou destruísse as dife-

rentes espécies de peixe, e bem assim **a pesca de crustáceos, tais como lagosta, caranguejos e camarões, durante** os referidos mêses de **março abril e maio, e ainda depois dêste período as fêmeas dêstes crustáceos, emquanto conservam as ovas aderidas às falsas patas, as quais, quando colhidas, deviam voltar à água em proveito dos pescadores e do público.**

Temos, pois, que, passado mesmo o tempo do defêso, ainda era proibido pescar as fêmeas daqueles crustáceos, emquanto conservassem as ovas aderidas às falsas patas; e impunha-se ao pescador, em nome do seu próprio interesse e do do público, a obrigação de restituir à água os indivíduos em semelhante estado colhidos.

Art. 15.º—**E' proibida a pesca dos moluscos, ostras e mexelhões durante o período da sua criação,** *o qual é para as ostras desde o 1.º de maio até setembro, e para os mexelhões desde o 1.º de fevereiro até 31 de julho.*

§ único. **As amêijoas poderão ser colhidas** *em todo o tempo estando com as dimensões próprias para o consumo;* **mas nunca de modo que** *pela sua colheita total* **se extinga a propagação dêste marisco.**

Como estão vendo, não havia restrições, por pequenas que fôssem, à liberdade de pescar. A pesca era livre, a ria era livre, e cada um pescava quando, onde e como queria!...

Mas atente agora o leitor no que segue:

Art. 18.º—**São proibidas as rêdes de malha estreita e as de arrastar, varredouras, botirões, nassas, chinchôrros, lençóes, tresmalhas, covões, galritos, tarrafas, ou quaisquer outras iguais, ainda que de diferentes denominações.**

Todas estas rêdes proibidas, sem transição, sem tolerância! E entre elas aparece, em boa camaradagem, o **botirão,** o secular *botirão,* preferido pelo pescador de Aveiro, *geralmente indolente,* segundo o eufemismo adoptado pelo sr. Francisco Regala.

Todas estas rêdes proibidas e quaisquer outras que, embora com outras denominações, contribuissem para o empobrecimento da ria! E o estrito cumprimento destas disposições era recomendado para proveito dos pescadores e do público!

Parece um sarcasmo!

E o que eram rêdes de malha estreita?

Art. 19.º—**São consideradas rêdes de malha estreita as que tiverem a malha menor de 3 centímetros por lado.**

E, por hoje, basta.

Raridade—A existencia de brio onde falta a vergonha.

Trasladação

Procedentes de Vila do Conde chegaram na quarta-feira a esta cidade, vindos pelo caminho de ferro, os restos mortaes do sr. D. Manuel Baptista da Cunha, arcebispo de Braga, que logo após o desembarque seguiram em côche funerario por a Costa do Valado, Oiã e Perrães até Paradéla, donde o extinto era natural.

Alguns trens com clerigos, amigos e parentes formavam o lugubre cortejo, tendo sido, dizem, comovedora a recepção dos paradelenses ante os despojos do que foi seu ilustre conterraneo.

Infanteria 24

Parte para Tancos este regimento que faz parte da guarnição de Aveiro

Na madrugada de terça-feira desta semana seguiram para Tancos os dois batalhões de infanteria 24, aquartelados nesta cidade, que ali vão encorporar-se a outras forças para manobras militares.

O 3.º batalhão do mesmo regimento já havia partido no mez passado em direcção a Mafra, de onde oportunamente seguiu para a Africa, com outros elementos, formando um largo contingente.

Tanto a encorporação como a partida das forças efectuou-se com toda a ordem e disciplina, demonstrando todos a nitida compreensão do seu dever e do sacrificio que neste momento de incerteza e de manifesta gravidade exige a mãe-patria, a mãe que sobreleva aquela que nos deu a vida, trazendo-nos ao seu seio, acalentando-nos com os seus beijos. A mãe que viu a nossa mãe nascer, que produziu o pão para que a mãe da nossa mãe lhe désse o leite, que lhe mostrou o céu que ela viu, os prados e os campos para contemplar a terra para ela pisar. Mãe patria, mãe querida, tão bela e tão carinhosa; terra portugueza onde tudo tão simples e santo é.

Como diz o poeta:

.........Amor que de rosas se inflóra:
Em sendo triste, canta, em sendo alegre, chora!
O amor simplicidade, o amor delicadeza...
Ai, como sabe amar, a gente portugueza!

Cheios de fé, levando bem acêsa no peito a chama ardente do amor da Patria, o divino sentimento que dignificou em todos os tempos a raça portugueza, centenas de homens que nos deixaram, partiram sem uma vacilação, sem um constrangimento, ainda que muitos deles com as faces humidas das lagrimas de amor e de ternura das mães e das esposas, lagrimas que são para todo este tumultuar de paixões e de lutas ferozes e sanguinolentas, o balsamo benefico, o dôce lenitivo para todas as amarguras!

Ai! que seria de nós, que seria do mundo, se não fossem os sorrisos e as lagrimas das mulheres, as dôces e ternas companheiras, que nos trazem sempre nas agruras da vida e na atribulação da existencia a doçura dos seus beijos, o balsamo das suas palavras e—quantas vezes!—a magia das suas lagrimas e dos seus sorrisos?!

Pois todos esses homens—oficiais e soldados—educados e incultos, partiram, levando no peito, acima de todos os sentimentos, o sagrado sentimento da Patria, prontos a servi-la onde quer que ela exija o seu auxilio, o seu braço, a sua vida.

Vimos bem que não é a passagem quasi dum século na paz mais tranquila, nem os efeitos retrogrados e fanaticos duma liberdade daninha de doutrina jesuitica que conseguiram apagar os instintos patrioticos da raça portugueza!

Por toda a parte ela desperta grandiosa e nobre!

Assim, conscienciosos e afoitos, poderemos dizer que Portugal não morre!

Viva a Patria!
Viva o Exercito!

AGRADECIMENTO

O tenente medico José Maria Soares, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas e colectividades que, por ocasião do seu regresso da expedição a Angola, lhe manifestaram a sua estima e amizade, vem por este meio tornar publico o seu muito reconhecimento pela maneira carinhosa e festiva com que foi recebido nesta cidade.

Egualmente agradece muito penhorado as boas palavras com que a imprensa local e os correspondentes dos diarios do país se referiram á sua pessoa, confessando a todos o seu muito reconhecimento.

O "Democrata," no Tribunal

Foi adiado para o dia 17 de julho o julgamento do *Democrata,* que na segunda-feira havia de ter logar por supostas ofensas ao padre Pato contidas na noticia que nele saíu por ocasião do torpedeamento ultimo da residencia do clerigo, na freguezia das Aradas, de que ainda é vigario, não obstante as poucas simpatías que a sua conduta lhe tem acarretado de ha anos a esta parte.

Não nos tendo surpreendido o facto, pelo conhecimento prévio que dele tivémos, precisâmos contudo acentuar que quem apresenta um rol de perto de meia grosa de testemunhas, como fez o autor do processo, para que lhe exaltem as virtudes clericais, facilmente poderia dispensar a maior parte, até ao limite da lei, e dispôr-se á barrela que o hade purificar perante Deus, já que perante os homens nem toda a água do rio Jordão operará o milagre de o tornar luzidío, branco como a açucêna, restituindo-lhe a primitiva coragem com que arrostou os horriveis atentados dos *sicarios* contra a sua preciosa existencia.

Não quiz. Preferiu conservar-se sujo por mais algum tempo. Está muito bem, Pato. Cada qual entende a honra como quem é.

Chicana—**Dificuldades que se suscitam por capricho ou má fé.**

(Do *Jornal de Aveiro,* fundado e redigido pelo advogado Jaime Duarte Silva).

INTERESSES LOCAIS

O conselho superior de higiéne aprovou o parecer desfavoravel ao projecto do alargamento do cemiterio paroquial da freguezia da Oliveirinha, e que havia subido áquela instancia, como noticiámos a semana passada.

Quem será?

Sobre o misterioso caso que, com o titulo acima, temos vindo tratando, recebemos do nosso enviado especial a Vagos o seguinte telegrama, que reproduzimos para conhecimento dos nossos leitores, uma grande parte dos quaes anda intrigadissima:

Democrata

Aveiro

Já percorri Ouca, Sôsa, Lombameão e mesmo parte da vila e ninguem me dá o mais leve indicio de quem seja a misteriosa creatura a que alude o *Concelho de Vagos.* Vou esperar que aqui apareça o proprietario daquele jornal como unico recurso.

Estou a vêr que tudo isto não passa duma *blague* de máu gosto. Informarei.

Flautas

Esperaremos, pois, mais alguns dias. Hade saber-se...

Teatro Aveirense

Dia a dia mais se acentua o entusiasmo pelas récitas que a magnifica Companhia do Teatro do Ginásio, de Lisboa, aqui vem dar nos proximos dias 6 e 7 de Junho, estando a assinatura quasi completamente coberta.

E' bom que os nossos leitores saibam que a Companhia virá completa, e todas as peças serão postas em scêna com todo o rigor, e em especial a *Soror Mariana,* cujo scenario, de Mergulhão, é um verdadeiro primor de scenografia.

Vai pois, o nosso publico ter ensejo de admirar, além da soberba comédia de Gervasio Lobato, *Em boa hora o digas,* comedia do velho reportorio do Ginasio, e portanto o melhor reclamo que se lhe póde fazer, a engraçadissima comedia de Chagas Roquête, o maior sucêsso dr temporada finda, *O senhor roubado,* verdadeira fabrica de gargalhada, que na capital alcançou perto de 100 representações, e o mimo literaris de Julio Dantas, *Soror Mariana,* cujo desempenho é simplesmente magistral, por parte da protogonista Celeste Leitão, para quem o autor escreveu a peça.

Que os nossos leitores se não descuidem pois, na marcação dos poucos lugares que restam, na Tabacoria Reis, aos Arcos.

Notas mundanas

Transferiu de Macequece a sua residencia para a Beira (Africa Oriental) o nosso amigo dr. Antonio Maria Pereira Vilar, que fica desempenhando as funções de medico do porto.

✠ *Deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do sr. Paulo Guimarães, chefe de secretaria da Junta Geral do distrito.*

✠ *Tem estado doente na sua casa de Vale Maior o deputado dr. Brito Guimarães.*

✠ *Já se encontram na Costa Nova o sr. Cipriano Mendes e Antoninha Sacramento.*

Impossivel—Encontrar tipo mais delicado do que o *Bichêsa.*

Aos portuguêses

(Terceiro manifesto da Junta Patriotica do Norte)

Concidadãos!

Pensemos bem na soma consideravel de interesses que, para Portugal, estão em jogo nesse medonho conflito aberto, em nome duma falsa *cultura,* para lançar indeleveis nodoas de sangue e cobrir de negro pó de ruinas a História do século XX.

Nem a pequenez de extensão da metrópole portuguêsa, nem a distância a que ficamos da luta mais encarniçada nos permitem viver isentos de preocupações sérias ácerca das consequencias da guerra actual.

Nos campos de batalha em que os aliados operam prodigios de valor, degladiam-se tambem interesses deste pequeno povo, que há muito conquistou direitos, direitos incontroversos, a pesar na balança das nações, sempre que para o predominio do progresso social haja de defender-se, com honra e brio, a Liberdade, o Direito, a Justiça.

Não são apenas de valor moral e politico os interesses de Portugal neste presente conflito: são tambem, são sobretudo, interesses de ordem material.

Os interesses de ordem moral e politico, definidos pela necessidade de adquirirmos a individualidade jurídica a que temos justos titulos entre as nações, esses ficaram bem marcados desde o dia em que o governo e o Congresso da Republica afirmaram perante o mundo que Portugal não seria um indeferente perante as perturbações no equilibrio europeu.

Os interesses de ordem material resultam para a nossa Patria especialmente da sua situação entre as primeiras nações coloniais do mundo. São portuguêses mais de dois milhões de quilómetros quadrados de terra, sendo mais de um milhão na Africa Ocidental e mais de 700:000 na Africa Oriental.

Sabeis o que isto representa? Representa nada menos de vinte e quatro vezes o sólo continental da metrópole, extensão enorme em que tantos padrões falam da gloria do nome português, em que tantas criações dizem louvores da iniciativa portuguêsa, em que tantas reivindicações temos feito com o sangue português.

Continuação gloriosa da nossa Patria, esses preciosos quinhões de terra despertam, sem cessar, a expansão da nossa raça; reclamam o nosso consagrado heroismo para defendermos a sua posse, o nosso esforço e a nossa iniciativa para fomentarmos o seu progredimento e realisarmos a sua auspiciosa utilização económica.

De ano para ano se vão intensificando as nossas relações mercantis para os vastos dominios ultramarinos que são o orgulho e riqueza de Portugal. Para se reconhecer a verdade desta afirmação bastará reparar em que da metrópole foram exportadas para ali mercadorias que nos ultimos cinco anos representam 5:200 contos por ano, sendo certo que há 26 anos, em 1890, não exportávamos senão 900 contos.

E o que representa grande parte dessa exportação? Representa produtos da industria nacional, á sombra dos quais garantimos o pão dos nossos operarios e o bem-estar de tantas familias, a riqueza económica deste país. Atentâmos, efectivamente, em que 60 por cento da exportação para as colonias tem sido de tecidos e manufacturas diversas.

Será bom não esquecer, além disso, que mais de 27:000 contos estão empregados sómente na industria dos tecidos de algodão e que nessa industria encontram trabalho nada menos de 85:000 operarios. Tudo isso se implantou em Portugal contando com os mercados ultramarinos. No dia em que eles nos faltarem, dia que a nossa coragem e o nosso brio nacional nunca deixarão chegar, sucumbiria essa obra de fomento, criada á custa de um poderoso espirito de iniciativa.

Mas não é só o que mandâmos para os nossos dominios que constitue aprecial fomento da riqueza nacional. O que de lá recebemos para consumo interno e para reexportação representa já valor importante, regulando por mais de 16:000 contos anuais, em recentes quinquénios, e constituindo materias primas para as nossas industrias, generos valiosos para a nossa alimentação, artigos valiosissimos para alimentar notavel comercio com outros países, elementos, enfim, indispensaveis e de superior alcance para a nossa vida económica.

Defendendo a posse dos nossos dominios, defendemos, pois, vitais interesses do nosso Portugal.

Aquele que os ameaçar, ameaça a nossa propria vida; por isso, carece de ser repelido, com toda a energia de que somos capazes.

A Alemanha não tem cessado de lançar os olhos cupidinosos e de estender garras vorazes contra as colonias portuguezas, especialmente contra as africanas. Não era outro o seu intento, ao tentar o acordo anglo-germanico de 1912. A Alemanha era, pois, indiscutivelmente, nossa inimiga, inimiga encoberta, inimiga formidavel, que pretendia sobrepticiamente ferirnos no que temos de mais sagrado, a nossa honra, e extorquir-nos o que temos de mais valioso, a subsistencia do nosso povo, o exercicio da actividade do trabalhador português.

E não sabemos quando era inimiga mais perigosa: se então, se depois da declaração insultuosa da guerra a Portugal.

Respondâmos ás suas investidas ardilosas com o esforço herculeo que dia a dia vai definindo a

nossa soberania em Africa. Tenhâmos confiança no futuro.

Tenhâmos sempre bem presente a obra gloriosa que conseguimos realisar no Brazil pela colonisação e pela exploração feitas com elementos genuinamente nacionais. Ali lançâmos os fundamentos dum grande Estado onde já 20 milhões de individuos falam a lingua portuguêsa, e onde em menos de um século, sem duvida, 100 milhões de habitantes continuarão a desenvolver no Novo Mundo a lingua, a literatura e as tradições do velho Portugal.

Porque não ha de ser assim? Acaso não dispomos da mesma fibra rija, do mesmo caracter forte, do mesmo animo sonhador, se assim o quizerdes, que dos nossos maiores fez os pioneiros gloriosos dessa empreza que nos imortalisou do outro lado do Atlantico?

Confiemos, pois, na soberania de Portugal, nas terras que em Africa são a herança de um passado incomparavelmente grandioso.

O perigo teutónico há de desaparecer com a guerra atual. Havemos de vêr como assim sucederá.

Não são, porêm, apenas os interesses materiais ligados á nossa posição de nação colonial que nos cumpre ponderar neste agitado momento. Outros há a reivindicar.

Nas nossas relações comerciais com a Alemanha, recebemos anualmente daquele país mercadorias cujo valor regula por 12:000 contos, num recente quinquénio, e as nossas exportações para aquele país não passaram de uma parte, uns 3:000 contos, no mesmo quinquénio, a despeito do tratado de comercio concluido em 1908.

Findo que seja o atual conflito, carecemos de regularizar esta situação, que se torna verdadeiramente insustentavel e sobejamente deprimente. Países há, com a Inglaterra á frente, em que podemos ir procurar as mercadorias de que careçamos para o nosso consumo interno e nas quais a colocação dos produtos portuguêses se possa realizar mais vantajosamente. Da Alemanha tem-nos vindo principalmente matérias primas, o açucar, as máquinas. O algodão dos Estados-Unidos, o açucar das nossas colonias e as máquinas da Inglaterra suprirão bem as necessidades do nosso consumo.

Inspirando-nos nas conclusões da récente conferencia interparlamentar de Paris, devemos iniciar uma nova politica comercial que corresponda aos votos dessa assembléia, aos interesses dos aliados, ao sentir dos povos que num esforço herculeo estão defendendo o Direito e a Justiça contra o mais tremendo dos assaltos de que reza a Historia.

Dessa nova politica hão de resultar novos convénios. A clausula de nação mais favorecida há de pertencer apenas ás nações que se tornem dignas do convivio internacional. Ao mesmo tempo, há de fazer-se a especialização industrial, de modo que cada país produza o que mais se adapte á sua situação económica e á sua população, podendo assim produzir tão barato como a Alemanha, nas mesmas condições de preços, pelo menos, e com os mesmos processos comerciais de crédito, protegidos nos países aliados por leis especiais.

O que até agora parecia impossivel, transformar-se-á desta arte numa grande e radiosa realidade.

Concidadãos!

O quadro dos interesses materiais em litigio no actual conflito aí fica ligeira mas elucidativamente esboçado.

São, como vêdes, interesses vitais para a nossa querida Patria, tocam de perto o bem-estar, a prosperidade, a honra da familia portugueza.

Para defender esses interesses, grandes como eles são, não basta o saber dos nossos estadistas, a sagacidade dos nossos diplomatas, o testemunho de um passado definido em titulos do mais alto valor.

E' indispensavel que todos nós quantos amâmos a nossa Patria com extremos de amor e quanto sômos capazes de nos sacrificar por ela, nos unâmos nessa causa que, se é de defeza comum, é tambem, é sobretudo, de comum reivindicação e de civismo colectivo.

A fórmula do nosso dever civico está achada: E' esta, muito simples, mas muito nobre e bela: **—Um por todos, todos por um.**

DR. AMANCIO DE ALPOIM

Voltou a Aveiro na segunda-feira este talentoso advogado do Porto, patrono do *Democrata* no processo que lhe move o vigario das Aradas. Não se tendo discutido nesse dia a causa, como noutra parte se diz, teve ensejo s. ex.ª de visitar alguns pontos da cidade e arrabaldes, acompanhado do nosso director, mostrando-se devéras surpreendido com o que viu pela primeira vez atravez desta região tão variada em paisagens, tão fertil e de tão bom clima.

O sr. dr. Amancio d'Alpoim, que de tarde nos fez as suas despedidas, virá de novo a 17 de julho, já que o vigario assim o deseja.

POSTAIS INGLEZES

Casa da Costeira

"Historia da Guerra Europeia,,

Temos em nosso poder os tomos n.os 23 e 24 com os quais finda o segundo volume desta interessante publicação editada pela conhecida *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa.

Veem recheados de quanto existe de palpitante interesse e flagrante atualidade sobre o que se vai passando nos campos da batalha, recomendando-se não só por estar habilmente elaborada, mas tambem pelo relativo luxo da edição e baratêsa da mesma—5 cent. cada tômo de 32 paginas.

Postal curioso

Está á venda na *Veneziana Central* do nosso amigo Bernardo Torres, ao preço de $03 um curioso bilhete postal ilustrado representando um combate de féras as quais, dobrando o bilhete pela fórma indicada no mesmo, se transformam em certa individualidade da maior discussão em todo o mundo.

E' depositario em Lisboa o sr. Claudio Pereira, rua Saraiva de Carvalho, 207—1.º.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Transcrição

Deu-nos a honra de transportar para as suas colunas o artigo—*O caracter dum povo*—do nosso colaborador Humberto Beça, a *Evolução*, orgão evolucionista de Vila Real.

Agradecemos.

AFOGADO

Num poço dos areais de Esgueira pereceu no ultimo sábado, sem que lhe valessem os socorros prestados, um menor de 9 anos, filho de Gonçalo Nunes dos Santos a quem profundamente consternou a triste ocorrencia.

A autoridade local tomou as devidas providencias, sendo o cadaver da creança removido para o cemiterio da freguezia onde, depois das formalidades legais, foi sepultado.

Raridade—O *Camaleão das Provincias* politico e literario.

Necrologia

Noticias vindas pelo ultimo paquete chegado do Rio de Janeiro anunciam a morte do nosso conterraneo sr. Bento Bernardo, que por bastante tempo geriu um estabelecimento no bairro do Alboi.

Era sogro do nosso amigo, sr. Antenor de Matos, a quem, bem como á restante familia, enviâmos o nosso cartão de pêsames.

PELA IMPRENSA

"A Aguia,,

Em nosso poder os n.os 52, 53 e 54 correspondentes aos mezes de Abril, Maio e Junho desta revista mensal de literatura e arte, propriedade e orgão da Renascença Portugueza que se publica no Porto sob a inteligente direcção dos srs. Teixeira de Pascoaes e Antonio Carneiro.

Eis o sumario:

Portugal e a guerra—A Guerra—*Teixeira de Pascoais.* Qual será o novo equilibrio europeu?—*Teofilo Braga.* O Monstro quer sangue—Soneto de *Gomes Leal.* Portugal no Brazil—*Alberto de Oliveira.* Unidos pela Pátria—*Raul Proença.* Cantico Lusiada—Versos de *Jaime Cortezão.* Bemdita Guerra=*Marcelino Mesquita.* Os impulsos da Consciência Nacional e a Guerra—*Jaime de Magalhães Lima.* Os Artistas e a Guerra—*João de Barros.* O Direito e a Fôrça—*Mayer Garção.* A Peçonha Germânica—*Henrique Lopes de Mendonça.* O sentido da Guerra—*Leonardo Coimbra.* Depoimento—*Augusto de Castro.* Não vai o tempo...—*Augusto Gil.* Hora de Nun'Alvares—Versos de *Augusto Casimiro.* Em Guerra—*Aurelio da Costa Ferreira. Gentile sangue latino*—*Henrique de Vasconcêlos.* Portugal et France—*Philéas Lebesgue.* Le Génie de la France et son rôle—Resposta de Leonardo Coimbra ao inquérito de *La Vie.* **Arte**—Agricultura Moderna (Ilustr.)—de *Rocha Vieira.* A Guerra (Ilustr.)—de Antônio Carneiro. Supremo Ultrage (Ilustr.)—de *Cristiano de Carvalho.* A Dôr (Ilustr.)—de *João Augusto Ribeiro.* Kultur (Ilustr.)—de *Stuart Carvalhais.* Gente do Mar (Ilustr.)—de *Pedro Duarte da Costa.* **Literatura**—Terras do Sul (Baixo-Alemtejo, I)—*Visconde de Vila Moura.* **Sciencia, filosofia e critica social**—Colonisação, Climas e Linguas, VII)—*Afonso Cordeiro.* A Crise da Antroposociologia—*Mendes Correia.* **Bibliografia**—*V. M., Leonardo Coimbra, V. M., Aubrey Bell, Aldo Sorani, F. de A. R. e da Redacção.* **Notas**—*Uma Exposição de Fotografias.*

"O Povo de Anadia,,

Entrou no segundo ano de publicação este semanário que vê a luz na séde do concelho donde tira o nome, dirigido pelo sr. Manuel Craveiro Junior.

Felicitâmo-lo.

"O Espelho,,

Recebemos mais um numero, profusamente ilustrado com gravuras alusivas á guerra, da magnifica revista inglêsa a que tambem não falta distinta e variada colaboração toda em português.

=Visitaram-nos o *Povo do Algarve*, de Tavira, os *E'cos de Coura*, de Paredes de Coura e o orgão da classe dos sargentos, *Marte*, que sáe em Coimbra.

Impossivel—Encontrar o *Bébés*, á noite, fóra dos tascos.

O ALCOOLISMO

Remeteu-nos de Viana do Castelo o sr. dr. Gilberto Marques uma carta chamando a nossa atenção para outra enviada ao Congresso e na qual s. ex.ª expõe com toda a clarêsa a sua opinião sobre o consumo das bebidas alcoolicas (vinho, cerveja, aguardente e licôres) no exercito português, territorial e colonial, e o consumo publico em geral, condenando em absoluto o uso de tais bebidas, pelo que faz acompanhar a sua exposição das seguintes considerações:

. . . .

O alcool é hoje considerado um grande veneno que, uma vez absorvido em qualquer bebida, vai actuar sobre todo o organismo, produzindo-lhe estragos profundos. E' ao conjunto destes efeitos patologicos, que se dá o nome de **alcoolismo.**

Erroneamente tem-se atribuido ao alcool cértas propriedades, como por exemplo, a que dá **força** e produz **calor** no organismo, auxiliando este a suportar a fadiga e a combater o frio, a humidade e o máu tempo.

Ora esta suposição erronea, é simplesmente devida a um engano nos efeitos fisiologicos produzidos pelo alcool absorvido. Se não vejâmos:

A força que parece desenvolver-se após a ingestão da bebida alcoolica, é apenas uma *excitação*, uma força momentanea, não tendo um efeito duravel verdadeiramente util. O alcool produz no organismo o efeito de uma *chicotáda.*

Tomar o alcool como produtor de força, é o mesmo que tomar as *chicotádas*, que se dão a um animal, como produtoras de energia! A chicotáda obriga o animal a vencer o sentimento da fadiga, acelerando o movimento muscular; mas, poucos momentos depois, sobrevem uma fadiga maior.

E' o que se passa com o alcool. Devido ás suas propriedades narcóticas, destróe o sentimento de fadiga que se manifesta no organismo, mas em bréve sobrevem-lhe uma **depressão**, um estado de fraqueza que *prósta*, que quebra as pernas e os braços, e que só poderá ser vencido por uma nova dóse de alcool.

Pretender a força no organismo pelo *alcool*, é o mesmo que pretender *alimentar* um animal com chicotádas.

As experiencias de laboratório e as experiencias práticas da vida, demonstram perentóriamente que **o uso do alcool diminue o poder muscular.**

Se examinarmos o trabalho executado pelos amadores do *sport*, vêremos que os *abstinentes*, isto é, aqueles que se abstêm de tomar bebidas alcoolicas, são os que dão maiores provas de *força* e de *resistencia* á fadiga.

E' assim que Jahn, o pai da ginástica, jámais usou bebidas alcoolicas.

Quando Terront fez em 71 horas e meia a viagem de ida e volta de Brest (1200 kilometros), absteve-se egualmente de alcool.

Em 1901, Garin repetiu a mesma corrida de 1200 kilometros, em 53 horas, isto é, mais de *dois dias e duas noites*, **sem repouso, sem sôno.** Garin, absteve-se por completo de todas as bebidas alcoolicas, quer durante o treino, quer durante a próva.

Os afamados campeões ciclistas Milier, de Chicago e Seiffert, de Berlim, são abstinentes.

O capitão abstinente Webb, assim como Holmes, atravessaram a mancha a nádo, tendo este ultimo transposto a distancia que separa Douvres de Calais. Só bebiam caldo quente e chá quente, para dar forças e combater o *resfriamento* do corpo pela agua.

Em Setembro de 1904, realisou-se um concurso de natação entre a ponte de *Brooklyn a New-York* e a *Cony Island*, e de trinta concorrentes que tomaram parte no *match*, foram duas mulheres abstinentes as primeiras a chegar á méta.

O dr. Emily, major-medico da missão Marchand, diz no seu relatório oficial: *Recomendei ao nosso cosinheiro de apresentar na meza dos europeus, como bebida, sómente chá fraco, isto é, agua fervida.* Durante esta longa e penosa marcha, um só europeu foi atacado de febre.

Todos os anos se realisa no Tamisa, concursos de remo, entre os estudantes de *Oxford* e os de *Cambridge*, que durante todo o tempo do treino não bebem bebidas alcoolicas, e sujeitam-se a um sevéro regimen para aumentar as forças.

Quando em 1892 foi preciso transformar no mais curto praso de tempo uma via larga numa via mais estreita, na linha ingleza de caminho de ferro do *Great Western Railway*, estendeu-se ao longo da linha um troço de 5.000 operarios, que fizéram a transformação da via, numa extenção de 370 kilometros, em 31 horas. Combinou-se não se dar bebidas alcoolicas aos trabalhadores, porque o alcool lhes tirava as forças. Como bebida, foi-lhes fornecido com abundancia e á vontade, caldo de aveia ligeiramente acidulado e assucarado, que era feito em grandes caldeiras ao lado da via. Os engenheiros ficaram convencidos de que esta medida tinha contribuido para o sucésso da operação.

O mesmo aconteceu quando foi da construcção do caminho de ferro *Canadian Pacific*, que se profbiu aos operarios o uso de bebidas alcoolicas, cuja venda só era permitida para além de 18 kilometros de distancia da linha. Durante todo o tempo da construção da linha, não houve a menor rixa, nem disputa, nem infracção á lei, pelos 30:000 operarios de tantas nacionalidades diferentes e por esse motivo, de tão diferentes carateres.

A sociedade dos Caminhos de Ferro do Norte do Pacifico exigiu, a partir de 1 de Janeiro de 1904, a abstinencia completa de todos os seus empregados em serviço e fóra do serviço.

Os operarios nunca terão a perder, mas sempre a ganhar em serem abstinentes.

Segundo nárra *Denis*, um ferreiro de Genebra, que praticava a abstinencia, forjou 110 peças de ferro, á razão de 125 marteladas em média para cada peça. Desta maneira, numa só manhã, deu 1370 marteladas, e como o seu martelo pesava 2 kilos e meio, levantou um peso de 30:000 kilos, o que nunca poude fazer quando tomava bebidas alcoolicas.

Na Inglaterra, nos Estados-Unidos d'America do Norte e nas colónias, teem-se feito experiencias comparativas no exercito, entre grupos de soldados. O grupo que era privado de bebidas alcoolicas, suportava durante muito mais tempo e muito mais facilmente *um trabalho de longa duração*, do que o grupo que, com a ração alimentar, recebia uma determinada quantidade de bebidas alcoolicas, o que mostra que, mesmo no serviço militar, durante as penosas marchas e manobras ao ar livre, a agua fresca, o leite, o café e o chá, prestam melhores serviços ás tropas, que todo o vinho, aguardente ou licôr.

O exercito suisso, cuja organisação é bastante admirada, compreendeu bem a importancia do alcool como elemento prejudicial e nocivo, visto que no art.º 348 da *Instrução sobre o serviço em campanha pelo exercito suisso*, diz o seguinte: *Encher-se-ha os cantis com chá assucarado ou café para a marcha. E' dar assucar aos ho-*

mens, para a marcha, que presta bons serviços como substancia nutritiva e desalterante (seco ou fundido na bebida de marcha), e a paginas 31 da *Ordem do corpo n.º 2 das manobras de 1903*, lê-se o seguinte: *Que os comandantes de unidades tomem medidas contra o consumo, pela tropa, de aguardente e licôres.*

Nos países quentes, o perigo das bebidas alcoolicas é excessivamente agravado.

Seven Hedin, o célebre viajante sueco que, por cinco vezes, atravessou o *Gobi* e o *Thibet*, no Turquestão, ao centro da Asia, que tem um clima dos mais rudes da terra, confessou que as bebidas alcoolicas são de um terrivel efeito nas caravanas: **diminuem as forças e a disciplina.**

E' esta tambem a opinião de várias autoridades entre as quais, o general Gallieni, ex-governador de Madagascar; Gordon, o amigo dos escravos; o energico Stanley, etc.

Ha alguns anos, os japonezes déram prova de resistencia e superioridade na guerra contra a Russia. E' que habitualmente não bebem bebidas alcoolicas e os seus chefes, o marechal Oyama e o general Kuroki, são abstinentes decididos.

Na guerra dos inglezes contra os boeres, Lord Roberts proibiu a distribuição de bebidas alcoolicas aos soldados inglezes.

Em Calcutá, o general em chefe dos exercitos das Indias tinha o costume de dirigir aos soldados estas palavras: *Se beberdes bebidas alcoolicas, sereis homens perdidos.*

O alcoolismo, é na verdade, o *flagelo das colonias*, dizimando os indigenas. Nos países quentes, o alcool é a morte.

As bebidas alcoolicas, nos países quentes, devem egualmente ser substituidas por infusões de chá ou de café, pouco ou nada assucaradas, á maneira dos orientaes. E' assim que o dr. Livingstone, abstinente convencido, passou longos anos na Africa, em regiões muito palustres, junto dos pantanos mortiferos. Da mesma fórma procedeu o explorador francez Savorgnan de Brazza, que encontrou um caminho para o Congo.

E assim como acontece aos homens assim se passa com os animais, prosegue o sr. dr. Gilberto Marques, citando alguns exemplos, depois do que continúa:

Vejâmos agora o que ha de verdade em se julgar que o alcool *aquece* e auxilia o homem a suportar o frio. Ora, dá-se justamente o contrario, pois que o alcool, **longe de aquecer, esfria o corpo,** porque ao circular no sangue, destrói um certo numero de glóbulos brancos e vermelhos e opõe-se ás combustões internas que se operam nos nossos tecidos e que conservam ao corpo o seu calor.

Demais, se o alcool aquecesse, não seria apoz a sua entrada no estomago, mas sómente mais tarde quando entrasse na circulação do sangue, sendo levado a todas as partes do corpo, *pois é nesse momento*, que se *combustam os alimentos ricos em carbono*, e **não no estomago,** que é sómente uma especie de armazem.

Julgar que o alcool aquece logo depois de bebido, é o mesmo que julgar que a pressão de vapor aumenta numa locomotiva, porque se armazena carvão no *tender*.

O que engana o bebedor e lhe faz crêr que o alcool produz calor, é o facto de, um pouco tempo depois de haver bebido, vir-lhe ao rosto um *afogueamento, uma baforada de calor*, que lhe avermelha as faces e os olhos. Ora este fenomeno, **não é calôr produzido pelo alcool,** mas simplesmente um acto fisiológico: o alcool absorvido *actua sobre os nervos* que se opõem á extensão, á dilatação dos pequenos vásos sanguineos superficiaes, *paralisando-os*, o que provoca a distensão destes vásos que *se enchem demasiadamente de sangue*, e daqui *o calor no rosto*. Mas, este sangue que teria ficado no interior do corpo, se os vasos da superficie não tivéssem aumentado de capacidade, vindo á superficie **esfria** por irradiação, de maneira que, mais uma vez o repito, o **alcool, longe de aquecer, arrefece o corpo definitivamente e longamente.** A propria sciencia medica recomenda o emprego do alcool, para abaixar a temperatura, em certas febres agudas.

Os habitantes das regiões polares, não usam o alcool, mas sim as *gorduras*.

Os grandes exploradores das regiões polares, que teem de suportar frios glaciaes, empregavam antigamente as bebidas alcoolicas, para se *aquecerem* como julgavam, o que lhes valia serem facilmente dizimados pelas doenças e pela morte. Atualmente, conhecedores dos verdadeiros efeitos do alcool, substituem no seu regimen as bebidas alcoolicas por bebidas quentes, taes como: o chocolate, o chá, o café, etc.

Um dos primeiros pioneiros que pensou que o alcool era nocivo nas expedições articas, foi James Ross. Na sua viagem de 1829 a 1833, não levou nenhum alcool, e foi a unica pessoa da equipagem que não teve os olhos inflamados. Em 1842, atingiu a latitude meridional de 78º 10, ultrapassada em 1904 por Scott.

O célebre explorador norueguez Nansen na sua expedição ao pólo norte, que durou de 20 de Junho de 1893 ao mez de Setembro de 1896, não levou comsigo bebidas alcoolicas de especie alguma e teve a satisfação de voltar com a sua equipagem em perfeita saude, depois duma demora de trez anos nas regiões mais frias do mundo, onde teve de suportar os mais rigorosos frios e inauditos perigos e fadigas, tendo atingido 86º 14 de latitude norte, em companhia de seu amigo Johansen, passando o inverno além da latitude de 81º.

. . . .

O grande explorador do pólo norte, comandante Peary, que alcançou a latitude norte de 90º em 6 de Absil de 1909, não levou comsigo bebidas espirituosas.

Um outro explorador, Weyprecht conduziu nas regiões polares (1872-1874) marinheiros da Dalmácia. Estes homens, apezar de habituados a um clima quente, resistiram a todas as fadigas duma expedição, feita durante longos mezes, atravez dos gêlos, não absorvendo nenhuma bebida alcoolica.

O dr. John Rae que, de ordinario, não é abstinente, declara que nas regiões frias, o uso das bebidas alcoolicas é dos mais perigosos.

O capitão belga De Gerlache, chefe de uma expedição ao sul da Terra de Fogo (71º) no seu livro intitulado: **Quinze mezes no Antartico** diz *que as bebidas espirituosas foram proscritas*.

O Duque dos Abruzzos, fez a mesma proibição á equipagem do vapor *Estrela Polar*, de que era comandante, e que era composta de onze italianos e nove norueguezes. Ao principio, o medico de bordo concedeu a ração de um decilitro de vinho aos italianos, que pouco a pouco fez desaparecer, substituindo-o por bebidas quentes. A partir do arquipélago *Francisco José*, o comandante Cagni e alguns companheiros destacaram-se da *Estrela Polar* e, como Nansen, fizeram para o norte um percurso em trenó, cheio de perigos e de fadigas, e tocaram, em 25 de Abril de 1900, sob um frio de 35 gráus abaixo de zéro, a latitude 86º 34ˡ.

O capitão Kennedy, enviado em procura de John Franklin, perdido nos gêlos, era abstinente com toda a sua equipagem. Suportou sofrimentos enormes nestas inhospitas paragens melhor que os outros capitães enviados tambem, no mesmo ano, em socorro do ilustre navegador perdido.

Para o pólo sul déram-se as mesmas observações.

Quando da expedição do *Discovery* (1903-1904), o capitão de fragata Scott, avançou penosamente em trenó, atravez dos gêlos da costa sul da terra Victoria, até 82º 17ˡ de latitude meridional. Durante a sua perigosa viagem, o capitão Scott, os seus oficiaes e os seus marinheiros, abstiveram se por completo de toda a bebida alcoolica.

O mesmo aconteceu com Shackleton que, em 9 de Janeiro de 1909, tocou o ponto mais meridional que se tinha atingido até este dia: 88º 23ˡ de latitude austral. Shackleton estava a 190 kilometros do pólo sul. No seu regimen tinha abolido as bebidas alcoolicas.

Durante a sua estada de cinco mezes e meio, feita em pleno inverno sobre as alturas nevadas do *Thibet*, a mais de 5:000 metros de altitude, o viajante francez Bonvalot, só fez uso do chá, abolindo toda a bebida alcoolica.

O Congresso do alpinismo, realisado em Paris em 1900, condenou todas as bebidas alcoolicas para as ascensões nas montanhas, em nome da prudencia e da segurança dos ascencionistas.

Nas ascenções aos Alpes, os *guias* aconselham egualmente aos *touristes* a não levarem comsigo bebidas alcoolicas.

Os religiosos de *São Bernardo* sabem que os viajantes enterrados na néve, são geralmente os que levavam comsigo aguardente. De Saussure já tinha feito este reparo, e escreveu na sua *Viagem aos Alpes*: **Que o alcool produzia um esgotamento muitas vezes sem remédio.**

Em face disto, o que urge fazer?

Em primeiro lugar, proibir expressamente o uso das bebidas alcoolicas no exercito, fazendo-as substituir por bebidas assucaradas: *café, chocolate, chá*, etc., que serão empregadas, quentes ou frias, nas marchas e em campanha.

Em segundo lugar, decretar a restrição da venda de bebidas alcoolicas, como se fez ultimamente na França, na Italia, e noutros paízes em guerra.

Achâmos justas as pretenções do sr. dr. Gilberto Marques, mas quer-nos parecer que será bradar no deserto, tal o despreso que os nossos legisladores votam a tudo que represente qualquer coisa de bom, como indubitávelmente aconteceria se fosse estudado o assunto e em pratica se puzessem medidas tendentes a resolve-lo sem outra preocupação do que acabar de vez com a tachada nacional... Isso, porêm, não se coaduna com a missão dos nossos politicos, que de tudo tratam menos do que mais interesse possa trazer ao país e de aí o convencimento, este convencimento muito nosso, de que, ainda que o sr. dr. Gilberto Marques não encontrar quem o ouça nas altas regiões, muitas outras dificuldades terá a vencer, se antes o não liquidarem os *bébes* encartados...

Se de bôas intenções está o mundo cheio!...

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 23

A noite passada, um malfeitor, ou mais do que um, quebraram dois vidros duma janela da aula do sexo feminino, saltaram dentro e roubaram $70 que estavam na gaveta, produto da subscrição para a Cruz Vermelha. Depois forçaram uma porta que dá para a sala das sessões da Junta, onde abriram o livro das actas. Não poderam abrir uma gaveta onde estava algum dinheiro. Por ora não se sabe se faltam alguns papeis de valor. Participou-se o caso ao sr. regedor para lavrar o auto sobre esta brincadeira de mau gosto. Há gente tão bruta que só se sente bem quando pratica o mal.

= E' nesta semana que há o maior aperto de trabalho nos campos marginais do Vouga, com as sementeiras dos milhos.

= Partiu para o Porto o sr. Julio Castro, que foi fornecer-se de diversos artigos para o seu estabelecimento.

= Vai um tempo magnifico para a agricultura.

= O milho está a 1$40 cada 20 litros.

C.